

# ESPORTE E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: AS ATIVIDADES ESPORTIVAS COMO FATOR DE INCLUSÃO SOCIAL PARA JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO

Mirja Jaksch Weller  
Faculdade de Educação  
Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP

## Resumo

Este artigo resulta de uma pesquisa de doutorado em andamento na área da educação não-formal, que vem procurando refletir sobre a função social do esporte, avaliando a sua utilização nos espaços do terceiro setor. A presente contribuição consiste em uma análise da utilização do esporte nos trabalhos sócio-educacionais do terceiro setor com jovens em situação de risco, embasado em um levantamento bibliográfico sobre o esporte como agente educacional e de inclusão social. O presente trabalho apresenta uma discussão sobre a motivação do jovem para praticar esporte, as suas dificuldades em dar continuidade às atividades e sobre os possíveis benefícios e as reais possibilidades de uma prática esportiva orientada. A pertinência desta discussão é justificada pelo fato de que as atividades esportivas estão sendo amplamente utilizadas por organizações do terceiro setor, porém carecem ainda de uma reflexão. A partir de uma análise da bibliografia brasileira e alemã especializada no tema como também no conhecimento empírico oriundo da prática da pesquisadora com trabalhos esportivos envolvendo jovens em situação de risco.

**Palavras chaves:** Esporte, educação não-formal, inclusão social, jovens em situação de risco.

O ponto de partida deste artigo é o conhecimento da situação da criança e do jovem de baixa renda. É uma realidade dura, pois para este jovem viver na periferia das grandes cidades, significa enfrentar cotidianamente situações perigosas. Morando nestes bairros negligenciados pelo poder público, os jovens se deparam constantemente com a precariedade no atendimento aos seus direitos básicos como alimentação, habitação, educação e saúde. O lazer desses jovens geralmente acontece nas ruas do bairro com suas poucas opções de divertimento e os seus sonhos se realizam na vida dos protagonistas das telenovelas, de seus ídolos esportivos ou do entretenimento da mídia de massa.

Um número cada vez maior destes jovens é atendido pelo terceiro setor que conquistou, nos últimos anos um lugar importante na atuação social e educacional. Muitos dos seus programas se destinam a estas crianças e jovens para os quais a fase da infância e juventude é algo difícil de ser vivido, devido aos perigos existentes no seu meio social e à necessidade de uma adultização precoce ao assumir cedo demais, a responsabilidade de contribuir para a renda familiar.

Reverter este quadro é o compromisso assumido pela maioria dos trabalhos do terceiro setor destinados a esta clientela. Uma das maiores preocupações dos profissionais que atuam nesta área é restituir o direito de ser criança à criança e evitar que os jovens entrem no mundo das drogas e da delinquência. Em geral pode-se dizer que a preocupação primordial deste setor é com a elaboração de políticas de inserção que, segundo Castel (1998) seguem uma lógica de discriminação positiva, ou seja, procuram detectar e atender os segmentos da população que necessitam de atenção especial, uma vez que são precariamente integrados à sociedade. A preocupação deste setor é elaborar estratégias especiais para cada grupo, amenizando a sua inclusão social precária

Através desta demanda surgiu no terceiro setor uma nova vertente educacional, a assim chamada educação não-formal que Afonso (1989, p.78), distinguindo a de outras áreas educacionais, define da seguinte forma:

[...] por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém das escolares) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a sua finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

Esta nova vertente educacional, apesar da sua freqüente precariedade em termos financeiros e de infra-estrutura, está se tornando um terreno fértil para o pensar de novas metodologias educacionais, não somente para as atividades esportivas. Afinal, este é um espaço educacional que depende da elaboração de propostas que busquem ir ao encontro das necessidades e particularidades da população-alvo, conseguindo assim envolver os seus participantes no processo educacional.

Estes espaços de educação não-formal, são criados e mantidos principalmente por ONGs (Organizações Não-Governamentais), também chamadas de OSCs (Organizações da Sociedade Civil), que são organizações subvencionadas por diferentes segmentos da sociedade como, por exemplo, pessoas físicas, empresas, grupos religiosos que são apoiadas ou não pelo setor público. Esta diversidade na composição das pessoas envolvidas, na pluralidade dos público-alvos e de suas propostas é outro fator propiciador do desenvolvimento de programas educacionais inovadores. Esta observação empírica confirma informações da literatura, conforme as quais, por buscar por um trabalho pedagógico transformador da realidade social, a educação não-formal precisa valorizar a existência de características que facilitem o envolvimento do aluno com as atividades educacionais e que enfoquem o crescimento de habilidades sociais (Simson et al., Afonso, Heitmann&Martens, Brandi et al., Schreiber-Rietig). Sendo assim, observa Simson (2001) estas práticas educativas se fazem valer de diferentes linguagens, sejam estas de caráter verbal ou corporal, além de utilizar diferentes áreas de conhecimento na sua elaboração.

Porém, observa-se ainda, muitas entidades presas a uma visão assistencialista, realizando trabalhos de caráter reformador, procurando “melhorar” o comportamento do jovem, valorizando pouco a bagagem cultural da sua clientela e não os estimulando a desenvolverem maior consciência dos deveres, direitos, interesses e responsabilidades, que os levem a atuar como membro consciente e ativo da sociedade. Isto mostra que não é toda instituição, pelo simples fato de realizar atividades de educação não-formal, que automaticamente estará comprometida com um trabalho educacional transformador, dando voz àqueles que sempre foram calados.

Avaliando as atividades propostas pelas organizações do terceiro setor, percebe-se uma grande aderência à atividade esportiva, tanto em quantidade de instituições que as utilizam, quanto pela diversidade dos praticantes. Nelas se valem dessas práticas tanto portadores de deficiências diversas, idosos, crianças e adolescentes de baixa renda, como pessoas em processos diversos de reabilitação e outros. Entretanto, esta aderência parece ocorrer por motivos diversos, pois existem muitos discursos explicativos, aceitos sem questionamentos como, por exemplo, de que o esporte “ajuda a pessoa a ficar mais tranqüila, mais disciplinada, mais motivada”, e assim por diante, parecendo existir muitas expectativas a respeito dos benefícios da prática esportiva. Entretanto, estes discursos nem sempre são fundamentados nas suas reais possibilidades e nem sempre respondem aos anseios dos praticantes. Na prática a pesquisadora observou freqüentemente por um lado expectativas altas em relação aos benefícios da prática esportiva, por outro lado porém, verificou que muito pouco está sendo investido para alcançar estes resultados. Freqüentemente o ensino de esporte é de responsabilidade de monitores e/ou voluntários sem o menor preparo, além de existirem carências em materiais e espaços adequados. Desta forma, mais uma vez os jovens em situação de risco, se vêem deparados com a falta de acesso a um ensino de qualidade e a impossibilidade de sair do seu meio, o que poderia ser propiciado, por exemplo pela participação em campeonatos. Assim, os objetivos que sobram para os mesmos são aqueles associados com a manutenção da tranqüilidade e da calma, ou seja, a prática esportiva está mais a serviço dos grupos dominantes do que dos jovens em precária situação de inserção social.

Porém, existe, no outro extremo, entidades que procuram talentos no campo esportivo como estratégia de marketing social para sua organização ou para a empresa que patrocina o projeto, possibilitando as vezes uma ascensão social para uns poucos, em detrimento do grupo e contra os objetivos integradores e cooperativos da educação não-formal.

Parece ser inerente ao esporte esta sua abertura para as mais diversas definições da sua função, o que se revela nas expectativas das pessoas que utilizam esta prática. O motivo desta situação pode ser visto no fato, de que o esporte, sendo prática de caráter social e cultural, poder expressar as mais variadas necessidades e particularidades tanto sociais e culturais de um determinado grupo social. Além disso

o esporte é considerado um fenômeno histórico e político, refletindo assim transformações complexas de natureza histórica e ideológica. É desta forma que colocamos, segundo Lovisolo (1993, p.44):

[...] valores tais como a liberdade, a felicidade, o prazer, a conscientização do corpo, a transformação social, a realização do eu ou qualquer outro enquanto objetivos das atividades corporais. [...] as atividades programadas continuam sendo um meio para se realizar valores de utilidade social, embora sejam diferentes das tradicionais. Além disso, diferentes grupos de profissionais e intelectuais defendem valores contrapostos, e cada grupo considera as elaborações adversárias, pensadas por vezes como inimigas, como fonte de erro ou de ideologia a serviço dos opressores ou qualquer outro qualificado.

Sendo assim, conforme este autor, existem várias demandas de programas de atividades corporais como, por exemplo, as demandas vinculadas à saúde, à estética, à recreação, ao divertimento e lazer, ao nacionalismo, entre outras. Percebe-se que são mais estas demandas que vêm a tona nos discursos sobre os benefícios da prática esportiva e menos as suas reais possibilidades. Neste sentido, se destacam as atividades esportivas com jovens pobres da periferia. Para esta população o esporte é apresentado euforicamente pela mídia como fator preventivo da criminalidade, como saída da marginalidade, como um espaço democrático de igualdade predestinado a possibilitar o aprendizado e exercício da cidadania e também como ajuda para manter a ordem social, ensinando o respeito, a obediência e a disciplina, assumindo assim uma função social, muitas vezes de controle social.

Portanto, analisando o esporte como agente educacional, como meio de propiciar uma maior inclusão social dos alunos, de forma mais crítica e menos eufórica do que a mídia apresenta, é necessário possuir, em primeiro lugar, uma compreensão maior da motivação dos jovens ao participarem das atividades, das suas necessidades e dificuldades para, a partir daí verificar melhor a possível contribuição do esporte para o processo de inclusão deste grupo social. Até para que o profissional não corra o

risco de elaborar o programa motivado por objetivos externos vindo destas demandas e não pela realidade e real motivação dos educandos.

Conforme Rittner&Breuer (2003), a motivação do jovem ao se envolver com atividades esportivas é em parte, consequência do esporte ter se tornado um bem importante na cultura cotidiana da sociedade contemporânea e por ser atraente em diversas culturas juvenis, através da valorização do corpo. Heitmann&Martens (2001) contribuem nesta questão, destacando o fato de que jovens se orientam com grande ênfase pelo corpo e pelo movimento, porém muitas vezes de forma negativa, usando o seu corpo e a sua força como forma legítima de resolver conflitos. Segundo o autor é aqui que o esporte assume uma grande responsabilidade, ajudando a aprender a canalizar melhor a agressividade.

As necessidades desta população somente podem ser entendidas através de um conhecimento melhor da sua realidade social. A literatura aponta para a falta de atenção que estes jovens vivenciam nas suas famílias e no meio social em que se inserem. Também faz parte desta realidade o binômio perigoso formado por uma real impossibilidade de consumo e ao mesmo tempo um desejo muito grande de consumir alimentado pela mídia. Menciona-se também a falta de opções de lazer associada à necessidade de fazer parte de um *peer group* (socialmente falado um grupo de pessoas iguais). Além do mais verificou-se nos jovens, a percepção de que existe pouca probabilidade de se inserirem satisfatoriamente no mercado de trabalho e de conseguirem aprender a profissão que gostariam de exercer (Heitmann&Martens, Brandi et al., Schreiber-Rietig,). Percebe-se na prática, como este conjunto de fatores adversos pode levar a uma opção perigosa de (guiada pela possibilidade de uma satisfação imediata de consumo ou de fazer parte de um *peer group*) entrar, por exemplo, no tráfico de drogas.

É com este pano de fundo que podem ser compreendidas as dificuldades que os jovens da periferia apresentam na prática esportiva e que se casam com as características apontadas pelo autor Seibel (1999) ao falar de adolescentes alemães oriundos de espaços em nítida situação de desvantagem social. Elas são:

- manter uma disciplina de treino;

- assumir um compromisso, a longo prazo com um determinado esporte em vez de experimentar todos;
- focar em seus treinos determinados movimentos ou aspectos do esporte e treinar estes por um tempo maior;
- envolver-se de forma planejada, orientando-se por fatores externos, como por exemplo calendário de campeonatos, exigências do técnico e regras em vez de praticá-lo somente de forma lúdica.

O educador precisa ter clareza destas dificuldades para poder lidar melhor com o comportamento dos seus alunos e planejar as atividades de tal forma que eles aprendam a lidar com estas exigências sem que percam a motivação para continuar a prática esportiva. Afinal, estas exigências fazem parte da nossa sociedade, especialmente no momento de entrar no mercado de trabalho. A experiência da pesquisadora mostrou que a participação em competições pode ajudar em muito nesta aprendizagem, pois neste momento os praticantes precisam adquirir um compromisso maior com o treino, além de facilitar uma maior motivação para tal, pela maior identificação com o esporte que praticam.

Além de oferecer a possibilidade de trabalhar estas dificuldades é consenso na literatura que o esporte pode ajudar também a aumentar a auto-estima, contribuir positivamente no desenvolvimento da personalidade e se tornar um espaço no qual o jovem pode experimentar comportamentos diferentes. Esporte pode ser um meio para treinar a consideração para com o outro, o jogo limpo e franco e a capacidade de guiar as suas emoções por canais saudáveis. Oferece recursos também para desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo e aprender a integrar-se socialmente. Porém é importante frisar que não é o esporte em si que pode trazer estes benefícios, mas sim um ensino de qualidade, pedagogicamente adaptado às particularidades desta população. Outra característica que as atividades esportivas podem oferecer é que, quando não são realizadas em alto nível, exigem poucos pré-requisitos para o iniciante. Ou seja, é uma atividade que propicia um envolvimento fácil e rápido, especialmente para aqueles que tenham pouca tolerância à frustração.

Seibel (1999) contribui nesta análise dos possíveis benefícios educacionais do esporte em trabalhos sócio-educacionais apontando como prováveis resultados:

- uma maior auto-confiança e com isso maior otimismo e resistência na hora de precisar lidar com situações negativas e/ou difíceis;
- uma maior integração social, mais amigos e a realização de um lazer saudável;
- uma maior capacidade de construir e manter um sistema de valores e de normas; e
- maior possibilidade de fazer a experiência de compreender a si mesmo, de produção e da própria capacidade, quando isso já não é mais possível através de outros processos educacionais. Ou seja, a experiência não somente do movimentar-se, mas da produção de movimentos, situações e gestos, da compreensão de si mesmo do outro e da atividade esportiva e a possibilidade de dimensionar as suas próprias capacidades.

É baseada nestas reflexões que a presente pesquisa de doutorado vem procurando compreender a situação do profissional de esporte que atua em trabalhos sócio-educacionais, com adolescentes em situação de risco. O objetivo primordial consiste em contribuir para uma melhora de ensino na área do terceiro setor, oferecendo princípios didáticos e metodologias específicas para esta vertente educacional.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

AFONSO, A.J. Sociologia da Educação Não-Escolar: Reactualizar um Objecto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES A. J., STOER S. R. (Org.), **A sociologia na escola**. Porto: Afrontamento, 1989, p.83-96.

BRANDI A. et al. **Soziale Offensive im Jugendsport – Entwicklung und Chancen junger Menschen in sozialen Brennpunkten**. Frankfurt a. M.:Deutsche Sportjugend, 1999.

BREUER, C. **Das System der sozialen Arbeit im organisierten Sport**. Köln: Verlag SPORT und BUCH Strauss, 2002.



CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário.** Petrópolis: Vozes, 1998.

HEITMANN, H., MARTENS T. **Kick-Sport gegen Jugenddelinquenz.** Berlin: Sportjugend Berlin im Landessportbund Berlin e.V., 2001.

LOVISOLO, H. Educação Física como Arte de Mediação. **Contexto & Educação**, Ijuí, nr.29, p.26-59, Unijuí, 1993.

RITTNER, V., BREUER, C. Soziale Initiativen im Jugendsport In: SCHMIDT, W., HARTMANN-TEWS, I., BRETTSCHEIDER W.-D. (Orgs). Erster Deutscher Kinder- und Jugendsportbericht. Schorndorf: Karl Hofmann. p. 381-399, 2003.

SCHREIBER-RIETIG, B. Sport als Mittel der Sozialarbeit: Auf dem Skateboard die Kurve ins "normale" Leben kriegen. In: **Frankfurter Allgemeine Zeitung**. n. 185, p. 37, 11 agosto 2001.

SEIBEL, B. Zwischen Sport und Jugendhilfe – sportbezogene, lebensweltorientierte, soziale Arbeit mit sozial benachteiligten jungen Menschen. In: SCHEID V., SIMEN J. (Orgs.) **Soziale Funktionen des Sports**. Schorndorf: Karl Hofmann. p. 147-166, 1999.

SIMSON, O. R. de M. von, PARK, M. B., FERNANDES, R. S. (Orgs.), **Educação Não-Formal: Cenários da Criação**. Campinas: Unicamp, 2001.

WELLER, M. J. **Equitação e Volteio: Uma proposta educacional**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Unicamp, São Paulo, 1998.

Com apoio da CAPES e da FAEP para a realização da pesquisa de doutorado.